

EM QUESTÃO / A corrida do ouro na Amazônia

O último eldorado



A pé, de avião ou helicóptero, todos os dias chegam mais garimpeiros nas terras dos yanomami, que só ficam olhando

Ricardo Kotscho

A ordem era definitiva: em fins de março, o Conselho de Segurança Nacional determinou o fechamento definitivo de todos os garimpos que pipocaram desde o ano passado nas selvas na Amazônia em terras dos índios Yanomami, a oeste de Boa Vista, capital do território de Roraima. Deviam ser mobilizadas tropas da Aeronáutica e do Exército para retirar os garimpeiros em aviões Buffalo da FAB.

Na semana passada, cerca de 15 mil homens continuavam tirando 30 quilos de ouro por dia das reservas indígenas na mais louca aventura garimpeira desde a descoberta de Serra Pelada, em janeiro de 1980. E mais gente continuava chegando a este "último Eldorado", a Serra dos Surucucus, sempre sonhada pela crescente legião de garimpeiros, hoje calculada em mais de um milhão de nômades em todo o Brasil, em sua absoluta maioria ex-lavradores expulsos de suas terras a partir dos anos 60.

Indiferentes às determinações de Brasília, eram garimpeiros boa parte dos passageiros do voo 242 da Varig que decolou na noite de terça-feira passada de Manaus para Boa Vista. "Fobre hoje só tem duas saídas: ou se arranjaram no garimpo ou ganhar na lotô", opina Messias Araújo da Silva, 33 anos, maranhense de Santa Luzia, há 12 anos no garimpo, "tangido como gado". Seis em cada dez garimpos saíram do Maranhão.

Esses palestinos do Maranhão já rodaram o país em busca de terra, foram parar nos garimpos do Mato Grosso, do sul do Pará, passaram por Serra Pelada e, quando o sonho lá começou a acabar no ano passado, avançaram para as terras dos yanomami, em Roraima. No meio deste conflito que envolve hoje as Forças Armadas, a Igreja, a Funai, os interesses de grandes mineradores como a Parapanema e pequenos investidores que preferem o garimpo ao "overnight" é muito difícil determinar quem é mais vítima numa região onde a única lei é a impunidade.

Criado por decreto nos tempos do regime militar, quando o SNI assumiu seu controle e o contribuinte pagava as despesas, como até hoje, o garimpo de Serra Pelada, saudado pelo então ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki como o milagre que pagaria com seu ouro a nossa dívida externa, hoje é uma cidade quase abandonada, convivendo com o fantasma da fome e afundado nos descaminhos da corrupção.

No desespero, em dezembro do ano passado os garimpeiros de Serra Pelada ocuparam a ponte rodoviária sobre o rio Tocantins, em Marabá,

no Pará — por onde escorre o ouro de Carajás para os navios japoneses ancorados no porto de Ponta da Madeira, no Maranhão — exigindo que o governo federal cumprisse suas promessas de executar novas obras com recursos a fundo perdido para permitir o prosseguimento dos trabalhos na cava. Em lugar de máquinas, chegaram tropas da PM paraense, que cercaram os dois lados da ponte, abrindo fogo, deixando três mortos e 73 desaparecidos até hoje.

Nessa época, já corria a notícia de que havia muito ouro na Serra dos Surucucus, às margens do rio Couto de Magalhães, a oeste de Boa Vista, em Roraima, e muitos foram para lá, abrindo clareiras na selva que era dos yanomami.

No eixo Serra Pelada-Roraima, há um ponto em comum. Assim como o garimpo de Serra Pelada agora está nas mãos de uma junta interventora federal, nomeada em meados de 1987 pelo presidente José Sarney, em Roraima reina desde outubro do ano passado o general Roberto Pinheiro Klein, um interventor intencional, nomeado, Getúlio Cruz, do PFL, obrigando a se licenciar por suspeita de envolvimento no assassinato do prefeito de Boa Vista, Silvio Leite, do PMDB. Klein deveria ficar um mês, até lá até hoje. A junta de Serra Pelada não tem prazo para sanear as contas da Cooperativa dos Garimpeiros (COOGAR), que apesar de ficar com 7% de toda a renda do ouro apurado está afundada em mais de CZ\$ 700 milhões de dívidas e precisa de outros CZ\$ 315 milhões do governo federal a fundo perdido para não morrer de vez e levar junto o favelado com mais de 15 mil famílias que se formou à sua volta.

Da mesma forma, todas as empresas estatais de Roraima, sustentadas com recursos do governo federal, estão literalmente falidas e o território ameaçado de ficar sem água e sem luz. Quinze por cento da população do território é constituída de funcionários públicos e um fiscal ganha em

torno de CZ\$ 190 mil, o que pode parecer muito, mas é bem menos do que recebiam os marajás da diretoria da Coogar, uma casta que se apoderou de boa parte das 40 toneladas de ouro oficialmente retiradas de Serra Pelada, enquanto os 50 mil saqueiros e formigas rastejavam pelos morros em condições de trabalho medievais. Em Roraima, apenas três famílias, os Cruz, os Magalhães e os Brasil, tomam conta da máquina do governo, da política e da economia, e não adianta mudar o interventor: os secretários e diretores de estatais permanecem em seus cargos como se fossem vitálicos.

Trata-se de uma imensa e delicada área de segurança nacional, que além de Carajás (investimento de US\$ 3 bilhões e 100 milhões), abriga a hidrelétrica de Tucuruí (investimento de US\$ 5 bilhões 500 milhões) e a fantasma da guerrilha do PC do B, exterminada em 1975, mas que deixa marcas até hoje, a ponto de justificar a crescente militarização da região, que ganhou novos contornos com o Projeto Calha Norte para a ocupação das fronteiras.

De tempos em tempos, o governo federal se limita a ordenar o fechamento dos garimpos, como se os garimpeiros pudessem simplesmente desaparecer do mapa, e a construção de novos quartéis. A 23ª Brigada Militar, com seus batalhões de infantaria da selva plantados em Marabá, Altamira e Itaituba, no Pará, e Imperatriz, no Maranhão, ganhará em breve uma unidade aerotransportada e outra de blindados, e um novo quartel para abrigar mais mil homens.

A impressão que se tem é que todos se armam para uma guerra dentro das próprias fronteiras, já que não há qualquer ameaça militar aparente vinda da Venezuela ou da República Cooperativista da Guiana, a antiga Guiana Inglesa, que fazem divisa com Roraima. O mais trágico é que o cenário desta guerra invisível e não declarada já começa a avançar sobre as terras de pacatos índios, que nunca ameaçaram ninguém.

De repente, a maior diversão das crianças dos yanomami na maloca do Paapiú, a 250 quilômetros de Boa Vista, que fica encostada na pista de pouso, é ver aviões e helicópteros, subindo e descendo, trazendo e levando garimpeiros, apesar das energias determinações do CSN de que eles fossem deixados em paz. No fim da tarde, a diversão dos pelotões da PM e dos funcionários da Funai deslocados para a área é ver as índias só de salto voltando da pesca, rindo umas para as outras como se estivessem achando muito graça de tudo aquilo que o homem branco é capaz de fazer quando está em jogo uma pepita brilhante chamada ouro.

"Se o governo insistir em fechar os garimpos, a única alternativa que nos restará é a cocaína, porque quem acostumou nessa vida do mató não vai mais querer ganhar salário mínimo na cidade", ameaça um dos 2 mil 500 investidores em garimpo da região, gente que vendeu o que tinha para jogar tudo na loteria do ouro. Não é para menos: 87,7% da população economicamente ativa de Roraima ganham menos de três salários mínimos; 60% têm menos de 19 anos e não encontram emprego, e a taxa de crescimento da população urbana é de 10,6%, uma das mais altas do país.

Entre algumas histórias de riqueza rápida, como a de "Vando Preto", um antigo garimpeiro de Roraima, mesmo que em apenas quatro meses, tirou mais de 150 quilos de ouro e investiu em fazendas, carros e casas, há a realidade da grande maioria que arrisca a vida caminhando em trilha de mais de 100 quilômetros pela selva para ganhar apenas o de comer, quando encontra serviço.

Na mesma semana em que Messias Araújo da Silva chegava a Boa Vista, vindo de Itaituba num Boeing, em busca de uma nova frente de trabalho, um contratante seu, Ernesto Pereira da Costa, 27 anos, três filhos, nascido em Coratá, bem pertinho de Santa Luzia, estava de malária, sem dinheiro e sem assistência, deitado numa rede do acampamento de garimpeiros improvisado numa antiga churrascaria em Boa Vista. Há cinco meses em Roraima sem ver a família, já estava ali há vinte dias. Ex-lavrador, "cansado de trabalhar na terra dos outros", Ernesto deixou sua cidade para arriscar a vida no garimpo de Peixoto Azevedo, no Mato Grosso, e de lá veio no fim do ano passado quando correu a notícia de que estava todo mundo bamburruando (encontrando muito ouro) na Serra dos Surucucus. "Agora, estou aqui arrebatado", lamentava-se ele, sem pedir muito. "Eu só queria que o governo me desse a passagem para voltar para casa."

Dois chefes yanomami, João Davi e Iadulice, que falam bom português, em vez de usarem os invasores começaram a cobrar pedágio, — uma taxa de CZ\$ 5 mil dos aviões de garimpeiros que não paravam de pousar no Paapiú. Lo-



O símbolo da riqueza rápida que atrai cada vez mais gente para Roraima: em apenas quatro meses, a paraense Clébia Rejane, 30 anos, três filhos, já ganhou o suficiente para desfilhar com sete cordões de ouro, apenas parte do seu tesouro que ela faz questão de exibir como um troféu de pepitas

A guerra do ouro invade a terra dos yanomami

PAAPIÚ (RR) — "Por favor, acelera tua saída que estou muito pesado", solicita pelo rádio o piloto do avião que vem aterrissando na cola do monomotor "Mimano" de Pílmio Correa Neves, ex-comandante de Boeing da "Varig" e que agora está na rota dos garimpos. Apesar de todas as proibições de voos e ameaças de fechamento dos garimpos, o tráfego aéreo continua intenso neste trecho de 250 quilômetros que vai de Boa Vista, a capital do Território Federal de Roraima, à pista de terra do Paapiú rasgada na selva a apenas vinte metros da maloca dos índios yanomami.

Mais de 50 pequenos aviões e helicópteros estão parados, congestionando o pátio de estacionamento do aeroporto de Boa Vista, mas outro tanto continua decolando de pistas clandestinas próximas à capital para os garimpos do Cambalacho, do Rangel, do Alexandre e Novo Cruzado, fazendo lançamento de víveres para os cerca de 15 mil homens espalhados nas clareiras abertas nas duas margens do rio Couto de Magalhães.

A impressão que se tem do alto, já que os garimpeiros brotam do chão, já que não se vê estradas nem trilhas de acesso às clareiras que começaram a pipocar no início do ano passado, quando foi dada a partida para a última grande corrida do ouro em direção à Serra dos Surucucus, o santuário dos yanomami, índios mansos que conseguem se manter longe da civilização dos brancos.

go, já tinham ganho tanto dinheiro que pensavam em comprar seu próprio avião. Mas, em agosto, a ferra acabou: num confronto entre índios e garimpeiros morreram três yanomami e um branco.

Em setembro, viria a primeira "ordem de Brasília", leia-se Conselho de Segurança Nacional, para a imediata retirada de todos os garimpeiros da área dos yanomami. Foram mobilizados a PM de Roraima, a Polícia Federal, a FAB e, finalmente, o 2º Batalhão Especial de Fronteira do Exército. A operação foi bem sucedida: no final de outubro, o comandante do 2º BEF, coronel Talmo Botelli Vieira, comunicou a Brasília a retirada de 574 garimpeiros e a completa limpeza da área.

Antes que o ano terminasse, porém, começou tudo de novo. Só que agora não eram apenas os velhos garimpeiros maxucis, como são chamados os homens da região, que se dispunham a enfrentar caminlhadas de até 20 dias pela selva, carregando jamanxins (mochilas rústicas) com trinta quilos nas costas, para chegar à terra do ouro. Com a desativação de Serra Pelada e o início da temporada de chuvas na região de

Itaituba, no Pará, vinham levadas de garimpeiros de toda parte.

Pistas eram abertas da noite para o dia, mais de 130 pilotos invadiam Boa Vista, o dinheiro corria pelo comércio como nunca se vira antes. Roraima virou uma festa. A dona do "Minéia Drinks", o maior prostíbulo da capital, teve que importar às pressas mulheres do sul do país para atender à demanda. Cerca de 80 pequenas casas de compra de ouro ocuparam o centro comercial de Boa Vista e ninguém se queixava dos honorários das moças da Minéia — cinco gramas de ouro (algo em torno de CZ\$ 10 mil). Ouro era o que não faltava e o grama passou a ser a moeda corrente. Nos garimpos, um maço de cigarros custava meio grama (CZ\$ 1 mil).

Clébia Rejane, 30 anos, três filhos, paraense de Santarém, que se tornou dona de uma cantina em Boa Vista, desfilava com sete cordões de ouro pesando quase meio quilo (valor: CZ\$ 1 milhão), e não é tudo que conseguiu em quatro meses de Roraima. "O resto eu guardo em casa porque tenho medo de assalto". Ouvindo histórias como estas, até os colonos assentados pelo INCRA ao longo da estrada que liga Manaus a



O líder dos garimpeiros Peixoto: a culpa é do bispo



O investidor Luis Rodrigues: garimpo é a única saída



O bispo Aldo Mongiano: com os índios, sem medo de morrer

Boa Vista abandonaram suas lavouras e foram para os garimpos.

A febre pegou todo mundo. Luis Rodrigues Barros, 43 anos, cearense de Aluaba, fazendeiro que juntou uma das maiores fortunas do território em 15 anos de Roraima, dono de 3 mil 500 cabeças de gado, um avião e um helicóptero, agora só quer saber de garimpo. "Entreí nisso forçado pela situação. Vou largar a pecuária e a agricultura porque ninguém aguenta esses juros de 20% ao mês. A situação econômica do país está forçando o pessoal a procurar alternativas.

Barros mantém cinco equipes no garimpo num total de 25 pessoas. Comece comida e equipamentos, é um investidor típico: 20% do ouro encontrado (cada equipe retira em média 500 gramas por semana) fica para o piloto e 30% é repartido entre os demais. "Ainda não recuperei o investimento que fiz, mas sei que vou ter lucro logo", garante Barros, um dos líderes do movimento (formado por 2 mil 500 investidores) que cresce em Boa Vista para legalizar a situação dos garimpos. Para isso, os investidores se propõem a pagar 5% do valor do ouro encontrado aos índios.

Nivaldo Elias Andrade Silva, 41 anos, chefe do posto da Funai no Paapiú, acha que este pode ser o fim da cultura dos yanomami com quem convive há dez anos, desde a saída dos nômades, a ordem dos missionários evangélicos americanos. "Com a chegada dos garimpos, eles estão largando os roçados, não querem mais pegar na enxada. Ficam contentes porque ganham presentes e comida. Mas, e depois que os garimpeiros forem embora, vão viver do quê?"

O mal já está feito, qualquer que seja o desfecho da nova investida desencadeada pelo Conselho de Segurança Nacional em fins de março, determinando o fechamento definitivo de todos os garimpos em áreas indígenas. O rio Couto de Magalhães está comprometido pela poluição do mercúrio usado por garimpeiros para separar o ouro — que serve mais para a pesca. A caça foi afundada. As roças estão abandonadas e o que farão os yanomami com as lanternas coloridas que ganharam de presente quando acabaram as pilhas?

Boa Vista está novamente em pé de guerra contra a operação de um garimpo, que deveria ter começado no dia 28 de março, mas ainda não havia sido cumprida até a semana passada. A favor do fechamento dos garimpos, estão apenas o interventor interino, general Roberto Pinheiro Klein, o bispo Aldo Mongiano e o coordenador da Funai em Roraima, Esmeraldino Silva Neves — os três homens mais odiados em Boa Vista, que não quer ver o fim da grande festa patrocinada pelo flio de ouro.

A questão central está na demarcação da área dos yanomami, que rola desde 1975 e ninguém sabe dizer quando sairá. No momento, um grupo interministerial formado sob a supervisão do Conselho de Segurança Nacional está fazendo um censo indígena para saber, entre outros, quantos são os índios do rio. De acordo com a Funai, eles seriam de 35 a 40 mil — ou seja, um quarto da população de Roraima —, sendo de 5 a 6 mil yanomami, que reivindicam uma área de 19 mil hectares, o que representa um terço do total do território, que tem o mais baixo índice demográfico do país: 0,45 habitante por quilômetro quadrado.

"A ordem do Conselho de Segurança Nacional é fechar os garimpos. Falei com Brasília e não há mais nada a conversar", assegurava Esmeraldino Silva Neves na manhã de sexta-feira passada. "A Polícia Federal vai auxiliar a PM e, se for preciso, será convocada novamente o Exército. Nem comida pode mais ser levada para lá", disse o coordenador da Funai, que espera demarcar a terra dos yanomami até o final do ano.

Informado da nova ordem, José Teixeira Peixoto, o "Baixinho", presidente da Associação Profissional dos Garimpeiros do Território Federal de Roraima, há quatro anos, ficou valente. "Eu não deixo fechar nada. Não tem problema. Vou a Brasília falar com o Sarney. Isso não pode continuar assim. Os garimpeiros não vão para a Guiana Inglesa, apanham. Depois, ele vem para o Brasil e não podem nem trabalhar na sua própria terra?"

"Baixinho" corre para buscar sua pasta onde carrega manifestações de apoio de altas autoridades de Brasília e uma foto em que aparece ao lado do multipresidente Ulisses Guimarães. "Os índios são explorados pelos missionários estrangeiros, esse é que é o problema", acusa o presidente da associação, mostrando uma relação de mais de 100 índios "que querem trabalhar com a gente, não querem mais trabalhar para os padres". Indignado com a nova ameaça, "Baixinho" garante que tem o apoio do presidente Sarney e ataca o bispo de Roraima. "Esse Aldo Mongiano está fazendo um inferno com os índios e os garimpeiros, porque eles não brigam se ninguém se meter no meio". O presidente da associação, ex-



Helicópteros fazem lançamento de víveres nas clareiras e, no Paapiú, a pista fica encostada na maloca dos índios

garimpeiro mergulhador no rio Madelara, diz que o conflito de agosto do ano passado em que morreram três índios e um garimpeiro foi "armado" de David Siriana, ex-candidato a deputado estadual pelo PDT.

"Ele era índio. Serviu o Exército, foi funcionário da Funai e entrou na política. Foi ele quem armou os índios com espingardas para atacar os garimpeiros", dispara "Baixinho", ele próprio lançado candidato a vereador pelo PMDB e que gosta muito de ser chamado de "Curio de Roraima", numa alusão ao major do Exército que se elegeu deputado federal pelo PDS com os votos dos garimpeiros de Serra Pelada.

Italiano de Turim, que trabalhou muito tempo em Moçambique antes de vir parar em Roraima há 13 anos, o bispo Aldo Mongiano, o gigante das acusações que já cansou de ouvir, atribuindo a ele ligações mafiosas para explorar o ouro dos índios. "Aquilo que estão fazendo com os yanomami é um crime. Eles têm uma maneira de viver diferente, muito à vontade, vivem rindo, brincando, são libertos de problemas sociais. Têm uma cultura integrada em que não lhes falta nada, só bem nutridos..."

D. Aldo pode falar horas sobre a sabedoria simples e a boa vida dos yanomami e não se importa muito com as ameaças que vem recebendo por defender a preservação das áreas indígenas. "Eu já tenho 68 anos, daqui vou para a cova...", resigna-se o bispo, que não se assustou ao ver seu nome incluído numa lista negra de pessoas marcadas para morrer divulgada pela Comissão Pastoral da Terra em agosto do ano passado.

Na mesma época, instalava-se oficialmente no território uma seção regional da União Democrática Ruralista (UDR) numa barulhenta festa promovida no Palácio da Cultura de Boa Vista, com faixas que não escondiam seus propósitos. "A favor dos garimpeiros — contra os estrangeiros que trabalham como missionários nas terras indígenas do Brasil é dos brasileiros — fora os estrangeiros mascarados de religiosos". Gil Reis, representante da UDR na região norte, deixava bem claro o objetivo da entidade: "Vamos lutar contra os comunistas que se escondem dentro da Igreja em nome de Cristo para pregarem o ódio e a discórdia."

Neste clima, a violência em Roraima já começa a fazer inveja à Baixada Fluminense, guardando-se as devidas

proporções, já que Boa Vista, de acordo com o último censo do IBGE, de 1985, tem apenas 66 mil 028 habitantes (em todo o território, eram 115 mil). Num único fim de semana de março, a polícia contabilizou cinco homicídios. O mais bárbaro deles ocorreu nas proximidades da pista do Rangel, num garimpo à beira do rio Couto de Magalhães. Os garimpeiros Osni Namur e outro conhecido apenas por "Mineiro" foram mortos quando dormiam. Um companheiro de barranco, Francisco da Silva, matou os dois com tiros de espingarda calibre 20 e foi preso por acaso quando tentava fugir num avião, levando 357,7 gramas de ouro.

Numa saleta ao lado do seu gabinete de comandante geral da Polícia Militar de Roraima, o tenente-coronel César Augusto dos Santos Rosa guarda um verdadeiro arsenal apreendido nos garimpos no último mês: são mais de 150 armas de todos os tipos, tamanhos e calibres, além de caixas com cartuchos suficientes para uma guerra de bom tamanho. Junto, o outro integrante da violência nos garimpos: 800 latas de óleo cosmético contrabandeadas para dentro do garimpo com cacacha e um estoque de "Pro Santo" e "Ypoca", em embalagem plástica, suficiente para embriagar um batalhão.

Para enfrentar esta nova realidade dos garimpos, Santos Rosa conta com um contingente de apenas 750 homens espalhados por um território de 230 mil quilômetros quadrados, em 18 destacamentos — muitos deles tão isolados que quando chove não conseguem nem receber alimentos porque as estradas e as pistas de terra ficam interditadas.

Este mês, começa a temporada de chuvas, o "inverno" em Roraima. É no tempo que o general Klein conta que os garimpeiros abandonem por conta própria as clareiras, certo de que a chuva torna impraticável o trabalho nas profas. Nomeado para ficar apenas 30 dias em Roraima como interventor interino, em outubro, o cearense Klein não vê a hora de ir embora, e não sabe que os garimpeiros já estão se preparando para resistir ao "inverno" na selva, investindo seus últimos recursos na compra de moto-bombas para dragar as cavas. A estratégia de proibir os voos para os garimpos, cortando o fornecimento de alimentos, e esperar a chuva para fechar o cerco, mais uma vez tem tudo para não dar certo. Mesmo que desse, em agosto, quando as chuvas param e vem o "verão" em Roraima, começaria tudo de novo.